

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Luciana Sieber Raul

A “nova classe média” brasileira: estratégias de investimento na educação formal dos filhos.

Porto Alegre, 2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Luciana Sieber Raul

A “nova classe média” brasileira: estratégias de investimento na educação formal dos filhos.

Monografia elaborada como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 2012

Luciana Sieber Raul

A “nova classe média” brasileira: estratégias de investimento na educação formal dos filhos.

Monografia elaborada como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA:**

Prof. Dr. Daniel Gustavo Mocelin

\_\_\_\_\_  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Alexandre Silva Virgínio

\_\_\_\_\_  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Sandro Ruduit Garcia

\_\_\_\_\_  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## **Agradecimentos**

A Deus, por todas as oportunidades que me deu, até aqui;

Ao orientador deste trabalho, Daniel Gustavo Mocelin. Obrigada por todo o conhecimento que me passou, pelas elucidações que me trouxe, em cada encontro, assim como a atenção dada a este tema;

Agradeço ao Leonardo, por todo o seu apoio (técnico e moral), em todas as áreas...

A Maria Amália, por toda motivação, apoio e suporte. Obrigada por me ajudar na compreensão de mim mesma, tão fundamental para todas as coisas da vida...

Aos meus entrevistados, que de um jeito tão solícito e aberto, contribuíram de forma crucial para a realização deste trabalho;

Aos colegas e amigos que fiz durante a jornada do curso, em especial ao colega Bruno Mello Souza.

## **RESUMO**

O presente trabalho se propõe a analisar o investimento em educação adotado por pais pertencentes ao estrato socioeconômico que vem denominando-se “nova classe média” ou classe C, bem como as disposições e o valor que os mesmos atribuem à educação. Para tanto, adotou-se a metodologia qualitativa de entrevistas semi-estruturadas com doze famílias, tomando-se como critério básico a renda familiar entre R\$1.500,00 e R\$3.500,00, entre outros critérios secundários, como a ocupação dos responsáveis pela família e os padrões de consumo das mesmas. O estudo concluiu que parte das famílias está direcionando seus gastos para a moradia e o consumo, em detrimento de maiores gastos com a educação dos filhos; outras famílias pesquisadas demonstraram investir na escolaridade dos filhos, apresentando disposições para o estudo dos mesmos, indo de encontro à hipótese geral deste trabalho. Esse achado de pesquisa evidentemente precisa ser testado, em estudos futuros, com maior envergadura empírica.

**Palavras-chave:** nova classe média, investimento, educação, escolaridade, capital cultural, disposições.

## **ABSTRACT**

This work aims to analyze the investment in education adopted by parents belonging to socioeconomic status that comes calling "new middle class" or class C, and the dispositions and the value they attach to education. To this end, we adopted the qualitative methodology semi-structured interviews with twelve families, taking as a basic criterion the family income between R\$ 1.500,00 and R\$ 3.500,00, and other secondary criteria such as occupation of the household and consumption patterns of the same. The study found that part of the families are directing their spending for housing and consumption, rather than increased spending on the education of children; other families surveyed demonstrated invest in the schooling of children, with provisions for the study of them, going against the general hypothesis of this work. This finding research clearly needs to be tested in future studies, with empirical spread.

**Keywords:** new middle class, investment, education, scholarship, cultural capital, dispositions.

## SUMÁRIO

1. Apresentação do tema de pesquisa.....	7
2. Problema de pesquisa.....	9
3. Objetivo geral.....	10
3.1. Objetivos específicos.....	10
4. Metodologia e hipótese geral.....	11
5. Classes sociais, educação e a “nova classe média”.....	13
5.1. A importância de se compreender as classes sociais.....	13
5.2. O habitus e os diferentes tipos de capital.....	15
5.3. Teoria sociológica: a questão educacional.....	17
5.4. A “nova classe média”.....	21
6. Disposições da “nova classe média” para com a educação dos filhos.....	26
6.1. Perfil socioeconômico, investimentos e crença na educação .....	26
6.2. Dois perfis sobre o valor da educação para a “nova classe média” .....	36
7. Considerações finais.....	40
8. Referências bibliográficas.....	42
ANEXO - Roteiro de entrevista.....	43

## 1 Apresentação do tema de pesquisa

O tema deste trabalho diz respeito às disposições para o investimento em educação por parte de grupos da população que têm ascendido socialmente, no Brasil. Mais especificamente, o trabalho propõe analisar as estratégias de investimento na educação dos filhos adotadas pelo estrato social que vem sendo denominado, sobretudo pelo discurso político, de “nova classe média brasileira” ou “Classe C”.

O interesse sobre esse tema vem de pesquisas individuais por mim empreendidas e do discurso político atual acerca do crescimento da “Classe C”. Também pesa o fato da repercussão deste tema, onde verifica-se que vários artigos em *sites* de notícias (Observador Político, Ecodebate, Band, Globo, Ig, UOL, etc.) e telejornais atualmente debatem sobre esse assunto. De igual forma, segundo dados estatísticos publicados, esta classe vem crescendo significativamente no Brasil.

No que tange à educação, esse estrato representa mais da metade dos alunos matriculados na rede particular, da pré-escola à pós-graduação, segundo dados da Pesquisa de Orçamento Familiar (POF de 2008-2009), que se baseou na última PNAD do IBGE. Uma pesquisa do Instituto Data Popular, baseada na referida POF mostra que, nas escolas privadas, a presença maior é dos estudantes da “nova classe média”, com 51,6% do total de alunos. A distribuição restante fica entre os estratos A, B e D. Esses dados sugerem a ideia de que a chamada “nova classe média” acredita na educação como forma de melhorar suas chances e condições de vida.

Percebe-se, pois, que haveria uma tendência na importância que os brasileiros atribuem à educação como forma de ascender socialmente, de aumentar seu poder aquisitivo e, conseqüentemente, melhorar sua qualidade de vida. Como, segundo as pesquisas supracitadas, as famílias estão com uma renda mais alta, o investimento parece ocorrer não só em bens materiais como casa própria, eletrodomésticos, carro ou aparelhos tecnológicos. Mas o investimento também parece ocorrer em escolaridade. Mais especificamente, na escolaridade dos filhos.

Trazendo dados empíricos, constata-se que essa classe representa pouco mais da metade da população brasileira (53,9%), segundo o Instituto Data Popular. Está havendo, segundo alguns estudos (IBGE e Fundação Getúlio Vargas – FGV), uma ascensão de grupos sociais até então menos privilegiados financeiramente.

De acordo com uma pesquisa da FGV intitulada “A nova classe média” (2008), que foi realizada em seis regiões metropolitanas do país, e de caráter predominantemente quantitativo, essa classe está compreendida abaixo da A e B e acima da D e E. A fim de quantificar a renda, foi realizado um cálculo da renda per capita de cada domicílio pesquisado. De acordo com essa pesquisa, a classe C tem uma renda entre R\$1.064,00 e R\$ 4.561,00 e se localiza acima dos 50% mais pobres e abaixo dos 10% mais ricos do país. Deste modo, a “nova classe média” brasileira refere-se a 52,67% da população, o que equivale a quase 98 milhões de pessoas. Segundo este estudo, a grande mudança contextual que beneficiou esse grupo social foi a recuperação do mercado de trabalho, favorecendo a colocação destas pessoas em empregos formais, com “carteira assinada” (baseando-se na Pesquisa Mensal de Emprego – PME/IBGE e no Cadastro Geral de Emprego e Desemprego do Ministério do Trabalho e Emprego – Caged/MTE).

O número total e a porcentagem de pertencentes a esta classe varia um pouco, de acordo com cada pesquisa. Outro estudo, feito com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), intitulado “Classe Média em Números”, da SAE (Secretaria de Assuntos Estratégicos<sup>1</sup>), afirma que na última década, 31 milhões de pessoas adentraram na “nova classe média”. Essa pesquisa deteve a sua análise aos anos de 1999 a 2009. Segundo esses dados da SAE, atualmente cerca de 95 milhões de pessoas fazem parte deste estrato social, com renda familiar entre R\$ 1.000 e R\$ 4.000. Ainda de acordo com esse estudo, no estado do Rio Grande do Sul, cerca de 60% da população encontra-se nesta classe.

Cabe aqui fazer um breve parêntese e explicar o motivo de escrever o termo “nova classe média” sempre entre aspas. Como será explicado mais adiante, alguns autores da sociologia e economia não concordam com a ideia de que esta classe seja, de fato, uma “classe média” constituída com base nos parâmetros e padrões do que tradicionalmente tem sido definido como “classe média”. Pelo contrário, responde como mais uma dimensão a contribuir com a ambiguidade do conceito de “classe média”. Há autores que não a consideram nem mesmo como uma *classe*, por motivos que serão explicados posteriormente.

Um dos fatores que contribuíram para o surgimento e crescimento desta “classe” foi a recente estabilização econômica brasileira, representada em grande medida pelas mudanças trazidas pelo Plano Real, implantado em 1994. Antes disso (principalmente na década de 80 e início da década de 90), a hiperinflação não permitia ao consumidor brasileiro comprar sem

---

<sup>1</sup> A Secretaria de Assuntos Estratégicos está diretamente ligada à Presidência da República

medo excessivo do futuro economicamente instável. A pessoa recebia o salário, e não sabia quão altos os preços dos alimentos e bens duráveis estariam no próximo mês. Após a estabilização monetária, o indivíduo pôde planejar melhor seu futuro, seus investimentos e consequentemente, seu consumo.

O crescimento econômico e o aumento do consumo trouxe uma elevação do número de empregos, e vice-versa. Por conseguinte, também cresceu a oferta de crédito ao longo prazo para grupos sociais emergentes. A estabilização monetária, então, contribuiu muito para a consolidação e o aumento da chamada “nova classe média”.

## **1 Problema de pesquisa**

*Em que medida a inserção na “nova classe média” modifica as estratégias de investimento escolar nos filhos? Como esta classe emergente encara a questão da educação? O acesso a um capital econômico maior estaria levando a um aumento de capital cultural?*

Apesar de ainda haver poucos estudos científicos sobre o assunto, devido ao fato do crescimento desta “nova classe” ser um fenômeno recente, a proposta aqui é explorar e investigar sobre as questões acima, referentes ao campo educacional, sem a intenção de aprofundar-se na discussão acerca da pertinência do termo “nova classe média”.

No universo empírico deste trabalho, supõe-se que esses grupos sociais emergentes geralmente busquem aumentar a sua escolaridade e a dos seus filhos, visando uma maior condição socioeconômica. Uma das principais questões deste trabalho é analisar o valor que estes grupos atribuem à educação, no novo cenário econômico em que estão se inserindo. Por mais que não tenham consciência de que busquem ampliar o capital cultural para si próprios e para seus filhos, consiste em uma dúvida razoável e interessante observar as estratégias embutidas nesse processo.

Contudo, o que viria a ser esse “investimento” em educação? Algumas pesquisas referidas até agora (POF/ IBGE, Instituto Data Popular) apontam a migração do ensino público para o privado. Numa primeira análise, intuitivamente, isso parece dar-se devido ao fato de que a percepção popular sobre o ensino público é negativa, que esse ensino não tem qualidade suficiente para propiciar a continuidade do crescimento educacional, não oferecendo muita perspectiva profissional para o indivíduo. Assim, percebe-se que a

representação social reinante no imaginário coletivo é a de que a escola pública possui um ensino ruim, com problemas estruturais, falta de professores e principalmente, falta de segurança para os alunos. Todavia, sabe-se que existem exceções: escolas públicas (sejam elas municipais, estaduais ou federais) de boa qualidade, que auxiliam o indivíduo a se tornar um profissional qualificado futuramente, ou se preparar para um vestibular concorrido, por exemplo.

As oportunidades de emprego dependem do nível de escolaridade alcançado; as novas tecnologias e a globalização da economia tendem a colocar exigências mais elevadas de escolaridade, quer para o ingresso, quer para a permanência no emprego, em todos os níveis da hierarquia ocupacional. Desta forma, os índices de desemprego e de exclusão social tendem a afetar, com mais força, as populações menos escolarizadas.

O discurso político reinante é o de que, nos últimos anos, mais de 30 milhões de pessoas saíram da pobreza. Apesar disso, ainda percebe-se claramente que no Brasil, em termos gerais, é difícil existir oportunidades iguais aos indivíduos, em termos de educação. No que diz respeito à educação e ao papel do Estado para com ela, vemos que ela foi durante um bom tempo, considerada como um aspecto privado, ou melhor, como fazendo parte da esfera privada dos interesses. Historicamente falando, apenas recentemente que o Estado assumiu a bandeira de educação para todos, visto que ela é uma necessidade básica.

### **3 Objetivo geral**

Compreender as estratégias de investimento na educação dos filhos utilizadas pelos grupos sociais que ascenderam à “nova classe média”, bem como os valores que mobilizam no que diz respeito à educação.

#### **3.1 Objetivos específicos**

- Analisar o perfil socioeconômico de famílias da “nova classe média” emergente no Brasil.
- Analisar como eram as estratégias adotadas em educação, antes do processo de mobilidade social ascendente para esta classe e como elas se efetuam no momento atual.

- Analisar o sentido que os integrantes dessa “nova classe” atribuem à educação.
- Analisar como tais famílias têm direcionado investimentos para a educação de seus filhos e a forma como julgam esse investimento.

#### **4 Metodologia e hipótese geral**

Propôs-se um estudo qualitativo sobre o investimento empregado na educação dos filhos pelos grupos sociais que ascenderam à “nova classe média”, abordando dimensões sobre o perfil e os valores que famílias representantes desse grupo mobilizam no que se refere à educação.

É importante definir aqui os critérios de classificação no que foi considerado como integrantes da “nova classe média”. Todavia, é interessante perceber também que o critério normalmente mais utilizado para classificação, a renda, pode variar de acordo com o instituto que estuda esse assunto.

Por exemplo, para definir a classe C, o Instituto Data Popular leva em conta uma faixa de renda familiar que varia de três a dez salários mínimos, diferenciando-se assim dos critérios da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e do IBGE. Estes, por sua vez, utilizam o critério de que são pertencentes a essa classe social indivíduos ou famílias cuja renda se situa entre quatro e dez salários mínimos mensais. Contudo, segundo Sobrinho (2010), o Instituto Data Popular não adota parâmetros sociológicos, no que tange aos critérios de classificação da “nova classe média,” como já visto em outras pesquisas. Sobrinho afirma que esse Instituto direciona suas pesquisas com intuítos estritamente mercadológicos, com fins de descobrir as preferências de consumo destes consumidores em potencial, utilizando indicadores da capacidade de consumo, baseando-se praticamente apenas na renda familiar e excluindo os outros aspectos sociais.

Um dos parâmetros utilizados pela FGV para esse cálculo de classes sociais, é o potencial de consumo, sendo implementado a partir do impacto sobre medidas de acesso a bens duráveis e seu respectivo número (televisão, rádio, lava-roupa, geladeira e freezer, computador), número de banheiros da casa, empregada doméstica e nível de instrução do chefe da família, bem como renda domiciliar total entre R\$ 1.115 e R\$ 4.807. Portanto, tem como critério definir esta classe a partir da combinação de elementos como renda e acesso a bens de consumo, assim como a capacidade de geração e manutenção da riqueza a longo

prazo. Por exemplo, no que diz respeito à geração da riqueza, temos como exemplo o acesso à universidade pública ou privada, acesso à escola de qualidade, à tecnologia de comunicação e informação, etc.

Baseei-me primeiramente na bibliografia básica sociológica, fazendo uma revisão bibliográfica dos principais autores, e em dados quantitativos secundários (IBGE, FGV, SAE) sobre os assuntos pertinentes. Sabe-se que a conceituação e os critérios adotados para analisar classes sociais ainda variam muito. Apesar de às vezes ser difícil de definir e mensurar as classes, pretende-se aqui utilizar como principal critério de análise os aspectos econômico e profissional (embora também se considere os aspectos sociais e culturais), isto é, o rendimento mensal das famílias e as categorias de profissões dos responsáveis pelo núcleo familiar.

Quanto ao universo a ser investigado, procurei pesquisar pais com filho(s) em idade escolar (de 06 a 17 anos), residentes na zona norte de Porto Alegre, mais especificamente no bairro Rubem Berta, por considerar que é uma região da cidade que concentra grande parcela da “nova classe média”. Foram coletados depoimentos de doze famílias, com base em entrevistas semi-estruturadas (o roteiro básico encontra-se em anexo).

Este bairro é um dos maiores da cidade, e apresenta muitas peculiaridades, em termos de estratificação social. Nele, há partes mais pobres e outras partes consideradas mais de “classe média”, por assim dizer. Dentro dele, vemos que existem vários “sub-bairros”. Optou-se por entrevistar moradores da Vila Santa Rosa que, oficialmente, pertence ao bairro Rubem Berta. Oficialmente, porque as correspondências sempre chegam identificadas como sendo localizadas no Rubem Berta. A Vila Santa Rosa possui uma estrutura urbanizada, vários pontos comerciais e muitas casas em bom estado, sendo que começou a ser habitada há pouco mais de quarenta anos.

Embora não considere que o aspecto econômico seja o único fator importante para classificar as famílias como pertencentes a “nova classe média”, foi necessário usar a renda, por não ter muitos outros recursos disponíveis no momento. Sendo assim, como critério básico de classificação, considerei como pertencentes a este estrato social, famílias cuja renda mensal se situa entre R\$ 1.500,00 e R\$ 3.500,00. Um critério considerado muito importante foi a questão profissional. Isto é, a formalidade (ou não) do trabalho, a categoria da ocupação e a identidade profissional dos entrevistados. A intenção foi entrevistar pessoas com profissões como microempreendedores, taxistas, cabeleireiros(as), esteticistas, motoristas, recepcionistas, etc. Ou seja, profissões atreladas ao que tem sido destacado na literatura como

sendo da “nova classe média”, fugindo de profissões que definem a classe média “tradicional”.

Como hipótese geral do estudo definiu-se que o aumento da renda e do poder aquisitivo de alguns grupos sociais que ascenderam à chamada “nova classe média” eleva o capital cultural destes, fazendo com que as famílias ampliem sua crença na educação e conseqüentemente desenvolvam estratégias para investir de forma mais consistente na educação de seus filhos.

## **5 Classes sociais, educação e a “nova classe média”.**

### **5.1 A importância de se compreender as classes sociais.**

Silva (1981), referindo-se a Costa Pinto, afirma que toda estrutura social contém, no mínimo, três partes: 1) base: a forma histórica de produção; 2) corpo: o sistema de estratificação social e 3) cúpula: o conjunto de instituições e valores sociais, cuja função é manter o sistema interdependente formado por essas partes. Assim, as classes sociais são grandes grupos de indivíduos que se diferenciam, basicamente, pela posição que ocupam na organização social da produção. A posição das diferentes classes na estrutura social é determinada grandemente por suas relações de apropriação dos meios de produção e pelas suas relações com o mercado.

De forma muito breve pode-se afirmar que a teorização de classe na tradição marxista está calcada basicamente na idéia de relações de produção e divide a estrutura em duas grandes classes em oposição, a saber: os detentores dos meios de produção e os proletários. E na tradição weberiana, classe é definida segundo recursos diferenciados, tais como status e prestígio, que no mercado obtêm também recompensas diferenciadas e marcam distinção entre os grupos ocupacionais, para além da diferença de renda.

Dá a diferença entre posição de classe e situação de classe. A primeira refere-se à fonte dos rendimentos, ao tipo de relação social de produção. A segunda depende da quantidade de rendimentos. Assim, a situação de classe pode variar muito, dentro de cada posição no sistema de produção.

De acordo com Jessé Souza (2010), a “cegueira social” existente no Brasil está relacionada com a cegueira que existe acerca das classes sociais que estruturam a realidade. Uma classe social não pode ser analisada do ponto de vista puramente economicista, como

muitas vezes acontece no discurso político brasileiro e é transmitido pela grande imprensa. Ainda segundo Jessé:

sempre que não se percebem a construção e a dinâmica das classes sociais na realidade temos, em todos os casos, distorção da realidade vivida e violência simbólica, que encobre dominação e opressão injusta [...] encobrir a existência das classes é encobrir também o núcleo mesmo que permite a reprodução e legitimação de todo tipo de privilégio injusto [...] É justamente a legitimação de privilégios inconfessáveis que está em jogo na noção, hoje corrente entre nós, de ‘nova classe média’ para os brasileiros batalhadores que examinamos. Trata-se de uma interpretação triunfalista que pretende esconder contradições e ambivalências importantes na vida desses batalhadores brasileiros [...]. A idéia que se quer veicular é a de uma sociedade brasileira de novo tipo, a caminho do Primeiro Mundo, posto que, como Alemanha, Estados Unidos ou França, passa a ter uma classe média ampla como setor mais numeroso da sociedade. (SOUZA, 2010, p. 21-22, 45)

Tal “cegueira” da percepção estritamente economicista residiria em não perceber a existência da transferência de valores não-materiais na reprodução das classes, ou seja, estaria em não perceber o processo dos costumes e práticas que são transmitidos no núcleo da família, constituindo o habitus de cada classe social e garantindo a continuidade ou a não-continuidade de seus privilégios no tempo.

O sentido atribuído à educação está diretamente vinculado a essa ideia, assim como as estratégias mobilizadas pelos atores sociais para educar os seus filhos, que de acordo com a intensidade e a forma com que ocorre, revela de que maneira um grupo social crê na educação.

## **5.2 O habitus e os diferentes tipos de capital.**

Cabe aqui explicitar os conceitos de Bourdieu, acerca dos três tipos de capitais. O capital econômico, como o nome já diz, possui forma concreta: seria a renda, os salários, os bens materiais, o grau e o tipo de consumo, os imóveis, ou seja, os recursos financeiros disponíveis de uma pessoa ou família. Enfim, parece ser o tipo de capital mais fácil de compreender. Porém, ele está intimamente ligado a outros tipos de capitais e quase sempre é a base para que se adquira os mesmos, segundo o autor.

O capital cultural, por sua vez, é constituído por saberes, costumes e conhecimentos. Estes também podem ser reconhecidos por diplomas e títulos escolares (na sua forma institucionalizada, que veremos a seguir). Este tipo de capital leva bem mais tempo para ser adquirido e é passado no interior da primeira socialização humana, isto é, da família, de pai para filho. Ele é como um processo longo de herança, e na maioria das vezes esse processo ocorre de forma imperceptível, e até mesmo, inconsciente.

Pode-se “tipificar” este capital em três estados: o estado incorporado, o objetivado e o institucionalizado. No estado incorporado, vemos que “a acumulação de capital cultural exige uma incorporação que, enquanto pressupõe um trabalho de inculcação e de assimilação, custa tempo que deve ser investido pessoalmente pelo investidor” (BOURDIEU, 1979, p. 74). Assim, um aspecto muito importante, que se apresenta como fator decisivo na acumulação desse capital, é o tempo disponível do indivíduo para a aquisição do mesmo. O capital cultural é transmitido por incorporação, ou seja, literalmente *tornar-se corpo*, porque é evidenciado nas posturas (modo de falar, modo de se portar) e nas práticas da pessoa.

No seu estado objetivado, o capital cultural é materializado, como em obras de arte, escritos, coleções de quadros, etc. Em tal estado, nesse sentido, o capital cultural pode ser transmitido rapidamente, se uma pessoa o comprar, por exemplo. Mas o que se transfere é a materialização do capital cultural, e não as condições para a sua verdadeira incorporação.

O diploma se traduz no estado institucionalizado do capital cultural, finalmente. O certificado escolar imprime o valor de quem o possui, no mercado de diplomas. Essa institucionalização permite, além disso, possibilitar a conversão entre capital cultural e capital econômico, garantindo valor em dinheiro de determinado diploma escolar. Ainda, a regularização dos diplomas permite a comparação entre as pessoas detentoras dos mesmos.

O capital social aparece como as relações sociais que podem ser convertidas em recursos de dominação. Por outro lado, a aquisição de capital social requer um investimento de recursos tanto econômicos como culturais. Desta forma, percebe-se a importância deste último tipo de capital, visto que ele possui grande utilidade no que diz respeito à teia dos contatos sociais, tão valiosos em determinadas situações. Nas palavras de Bourdieu:

o capital social é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de inter-conhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo. (BOURDIEU, 1980, p. 67)

O interessante a notar aqui é como os três tipos de capital estão interligados e são interdependentes, salvo raríssimas exceções. Se, por um lado, uma pessoa sem um pouco de capital econômico não alcança muito capital social nem cultural, sem estes últimos seria mais difícil se obter o primeiro.

Por habitus na concepção de Bourdieu, entende-se um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e que ao mesmo tempo são estruturantes, adquirido nas e pelas experiências práticas, em condições sociais específicas de existência, constantemente orientado para a ação cotidiana. Assim, o habitus deve ser visto como um conjunto de esquemas de percepção, apropriação e ação que é experimentado e posto em prática, sabendo que as conjunturas de um campo o estimulam. Então, os habitus individuais, produtos da socialização, são constituídos em condições sociais específicas, por sistemas de disposições produzidos em trajetórias diversas, em espaços distintos como a família, a escola, o trabalho, os grupos de amigos e/ou a cultura de massa.

O sentido atribuído à educação e a crença nessa como um meio para melhorar as chances e oportunidades de vida está diretamente vinculado ao habitus partilhado por um grupo social.

### **5.3 Teoria sociológica: a questão educacional.**

A sociologia da educação parece dar conta de boa parte deste tema de pesquisa. Os estudos de Pierre Bourdieu como *A reprodução* (1970) e *Escritos de Educação* (1998), assim como as contribuições de Bernard Lahire (1995) têm muito a nos oferecer. Iniciarei expondo os aspectos básicos da teoria de Bourdieu acerca da questão educacional e seus conceitos dos diferentes tipos de capital (econômico, social e cultural) e do habitus.

Uma das ideias de Bourdieu é a de que, pelas experiências de sucesso e fracasso, os grupos sociais iriam construindo um conhecimento prático (não totalmente consciente) relativo ao que é possível ou não de ser alcançado pelos seus membros dentro da realidade social na qual eles vivem, e também um conhecimento sobre as formas mais adequadas de se fazer isso. Trazendo essa idéia para a área da educação formal, esse argumento indica que os grupos sociais, a partir dos exemplos de sucesso e fracasso na escola vividos pelos seus membros, fazem um cálculo de suas chances reais no universo escolar e passam a adequar, de forma inconsciente, seus investimentos a estas chances. Ou seja, de forma mais concreta, isso

significa que os membros de cada grupo social tenderão a investir uma parcela maior ou menor dos seus esforços na carreira escolar dos seus filhos, conforme percebam serem maiores ou menores as chances de sucesso. Esse investimento pode ser em termos de tempo, dedicação ou recursos financeiros.

Segundo Bourdieu, o tipo e a intensidade dos investimentos em educação variariam ainda, dependendo do grau em que a reprodução social de cada grupo (a manutenção da posição atual ou a tendência à mobilidade social ascendente), segundo o sucesso escolar dos indivíduos desses grupos. Por essa razão as classes altas, por exemplo, não precisariam investir tão intensamente no estudo dos seus filhos quanto certas fatias da classe média que devem sua posição social, quase que totalmente, às certificações escolares. As estratégias que serão adotadas pelas famílias dependem fortemente da posição socioeconômica e do grau de segurança financeira que possuem.

No que diz respeito às estratégias de investimento em educação, o autor diferencia conjuntos de estratégias que seriam utilizadas pelas classes popular e média. O conceito bourdieusiano de estratégia é, basicamente, uma “série de ações ordenadas e orientadas” (BOURDIEU, 1974, p. 84) para um grupo social se constituir ou se reproduzir. Elas surgem como ações práticas inspiradas pelos estímulos de uma determinada situação histórica e social. Por exemplo, falar em “estratégias de investimento escolar” dos pais de alunos, vai muito além de falar em “formas” desse mesmo investimento. Seguindo por esse ponto de vista, quando se traça uma “estratégia”, isso ocorre de forma bem definida e planejada, e geralmente toda a família colabora e é envolvida neste processo, diferentemente do que aconteceria se tratasse apenas de “formas” de investimento escolar. Mas é interessante salientar que as estratégias, segundo Bourdieu, são adotadas de forma inconsciente, pois são práticas que são vistas como evidentes e naturais por aqueles que as adotam. Não são percebidas por eles próprios como ações planejadas.

Nesse sentido, a classe popular, pobre em capital econômico e cultural, tenderia a investir de modo baixo a moderado no sistema de ensino. Esse investimento se explicaria por várias razões, como a percepção, a partir dos exemplos de sua própria realidade social, de que as chances de sucesso são reduzidas (devido à falta de recursos econômicos necessários para um bom desempenho escolar). Isso tornaria o retorno do investimento muito incerto e, portanto, o risco ficaria muito alto. Esse risco seria ainda maior pelo fato de que o retorno do investimento escolar é dado em longo prazo, ou seja, a pessoa estuda por muitos anos e só depois tem a possibilidade (se as expectativas se tornarem realidade), de colher os frutos

financeiros e sociais. Portanto, tais famílias estariam, em função de sua condição socioeconômica, com pouco preparo para suportar os custos econômicos dessa espera (por exemplo, o adiamento da entrada dos filhos no mercado de trabalho, em virtude dos anos necessários para se concluir um curso universitário). Um investimento numa carreira mais longa só seria feito nos casos em que a criança apresentasse, desde cedo, resultados escolares muito positivos, acima da média, que justificariam essa aposta arriscada na vida escolar.

Já as classes médias, ou pequena burguesia, tenderiam a investir de forma pesada e sistemática na escolarização dos filhos (é um sentido de educação partilhado por esse grupo social). Ainda segundo Bourdieu, isso pode ser explicado, em primeiro lugar, pelas chances teoricamente superiores (em comparação com as classes populares) dos filhos das classes médias obterem o sucesso escolar. As famílias desse grupo já possuiriam um volume razoável de capital econômico e social que lhes permitiria apostar no mercado escolar sem correrem tantos riscos, economicamente falando.

O comportamento das famílias das classes médias não pode ser explicado apenas pelas chances “superiores” dos filhos dessas famílias alcançarem o sucesso escolar. O autor diz que é necessário considerar as expectativas que esses grupos sociais nutrem em relação ao futuro. Originárias em grande parte, das camadas populares e tendo ascendido às classes médias por meio da escolarização, essas famílias nutririam esperanças de continuarem sua ascensão social agora, em direção às elites. As condutas das classes médias poderiam ser entendidas, então, como parte de um esforço mais amplo com a intenção de criar condições propícias à ascensão social.

Bourdieu destaca ainda, como componente desse esforço das classes médias, “a boa vontade cultural”. Esta se caracterizaria pelo reconhecimento da cultura legítima e pelo esforço sistemático para adquiri-la. As famílias das classes médias – principalmente aquelas originárias das camadas populares e que possuem um limitado capital cultural – empreenderiam várias ações (compra de livros premiados, intercâmbios, frequência a eventos culturais, etc.) com vistas à aquisição de capital cultural.

Dubet (2010) questiona a função da escola como reprodutora das desigualdades sociais. Sua ideia é de que a reprodução partiria das desigualdades sociais para as escolares, mas também, das desigualdades escolares, para as desigualdades sociais, induzindo-se a pensar nas conseqüências após a escola. Ou seja, tratar-se-ia de um ciclo ininterrupto. Quanto mais uma sociedade valoriza o peso dos diplomas, mais desigualdades sociais existem, em decorrência da diferença de valor atribuída aos mesmos:

Quando um país considera que os diplomas devem determinar estritamente as posições sociais, não somente as desigualdades escolares desempenham um papel social considerável no futuro dos indivíduos, mas também os pais vão fazer tudo para aumentar a vantagem escolar relativa de seus filhos, visto que seu futuro depende totalmente disso. (DUBET et al, 2010)

No que diz respeito às críticas à teoria de Bourdieu sobre a relação da estrutura das classes sociais com o sistema escolar, podemos argumentar que, em muitos casos, não é possível afirmar que alunos de classes populares saiam-se mal nos estudos, ou que os alunos de classes altas sempre alcancem o sucesso. Nem sempre a posição social é fator determinante para o sucesso escolar e profissional. Por esse motivo, a categoria classe social não seria suficiente como critério de diferenciação dos grupos familiares segundo suas práticas escolares. Existem sempre os casos de exceção e os condicionamentos familiares. Nem tudo, no mundo escolar, pode ser determinado pela origem social.

O autor Bernard Lahire em seu livro “Sucesso Escolar nos Meios Populares – as razões do improvável” (1997), argumenta que é preciso estudar a dinâmica interna de cada família, as relações de interdependência social e econômica entre seus membros, para entender em que medida os recursos disponíveis (isto é, os vários tipos de capitais e o habitus incorporado dos pais) são transmitidos aos filhos. Lahire se propõe a explicar as boas situações escolares de crianças de famílias desprovidas de recursos, recursos estes que poderiam garantir um bom desempenho escolar. Para isso, ele parte da hipótese de que haveria diferenças secundárias entre as famílias de meios populares que explicariam a alternância entre “sucesso” e “fracasso” escolar, mesmo em situações socioeconômicas tão parecidas. Baseando-se nisso, ele afirma que para compreender comportamentos e resultados no ambiente escolar é preciso “mapear” as relações familiares da criança. Ele aponta como grande causa para os fracassos escolares a solidão dos alunos, ou a falta de estímulos da família em relação ao universo escolar, vivido pela criança. As dificuldades que alguns alunos encontram na escola são enfrentadas por eles de forma solitária, mesmo quando voltam às suas casas, pois os pais não apresentam condições de oferecer a necessária ajuda a eles.

Desse modo, a família e a escola constituiriam redes que se complementam ou não, gerando situações de fracasso ou sucesso escolar. O autor descreve cinco perfis familiares que mais afetam esta relação com a escola, a saber: as formas familiares da cultura escrita, as condições e disposições econômicas, a ordem moral doméstica, as formas de autoridade familiar e as formas familiares de investimento pedagógico.

Por exemplo, o autor relata situações em seu trabalho de campo nas famílias de classes populares, quando das entrevistas com os pais, em que estes não demonstravam naturalidade com o manejo dos livros da casa, tampouco os liam (estivessem perto ou longe) de seus filhos. Almejavam que os filhos cumprissem as tarefas escolares, fizessem as leituras indicadas pelos professores. Enfim, queriam que os mesmos se interessassem pelo estudo. Porém, muitas vezes colocavam isso de forma autoritária e ameaçadora, e seu exemplo paterno de não-naturalidade com a literatura falava para os filhos o oposto daquilo que ordenavam.

Ainda sobre a questão da reprodução e condicionamento social da criança, o autor diz:

Ela não “reproduz”, necessariamente e de maneira direta, as formas de agir de sua família, mas encontra sua própria modalidade de comportamento em função da configuração das relações de interdependência no seio da qual está inserida. Suas ações são reações que “se apóiam” relacionalmente nas ações dos adultos que, sem sabê-lo, desenham, traçam espaços de comportamentos e de representações possíveis para ela. (LAHIRE, 1997)

Portanto, essas críticas a Bourdieu realçam o fato de que o *habitus* de uma família e especificamente, de um indivíduo, não pode ser deduzido diretamente do que seria seu *habitus* de classe. As famílias e os indivíduos não se reduzem à sua posição de classe. O pertencimento a uma classe social, traduzido na forma de um *habitus*, pode indicar certos comportamentos e disposições gerais que tendem a ser compartilhados pelos membros da classe. Cada família, no entanto, assim como os indivíduos separadamente, seria o produto de influências sociais múltiplas.

#### **5.4 A “nova classe média”.**

Acerca do campo educacional, é interessante notar que outro estudo da FGV denominado *Crônica de uma crise anunciada: choques externos e a nova classe média* (2009) cita que colégio privado para os filhos é uma das características de se pertencer à classe C, bem como outra pesquisa da FGV, denominada *A Nova Classe Média: O Lado Brilhante dos Pobres* (2010), que foi feito com base na PNAD de 2009. De acordo com Marcelo Neri (coordenador destas pesquisas), dentro deste estrato social, o interesse pela formação

intelectual não incluiria o consumo de bens do mercado cultural, como idas a teatro, intercâmbios, leituras extracurriculares e a convivência em espaços artísticos.

Cabe lembrar aqui que, justamente por ser *média, intermediária*, é difícil precisar os limites dessa classe social. O termo “classe média”, embora tão utilizado, mesmo no meio acadêmico, muitas vezes se torna demasiado vago, vazio de significado.

Percebe-se que atualmente existe um otimismo e, em certa medida, uma propaganda política bem explícita, nessa divulgação dos números de brasileiros que ascenderam economicamente. Isso porque está se levando muito em conta a análise economicista, e se esquecendo dos outros aspectos, que não são estritamente econômicos. Xavier Sobrinho (2011) critica as pesquisas da FGV, afirmando que “a construção de Neri identifica-se mais, operacional e epistemologicamente, com o ‘Critério Brasil’ das empresas anunciantes e ofertantes de pesquisa do que com qualquer abordagem sociológica a respeito de classes sociais.”

Assim, a visão de que está surgindo uma “nova classe média” brasileira não é unânime. De acordo com Xavier Sobrinho (2011), mesmo a partir da perspectiva estrita da estratificação baseando-se prioritariamente nos rendimentos, seria mais apropriado falar em uma elevação do patamar em que se localiza a base da pirâmide social (até mesmo porque o movimento ascendente é generalizado, entre os outros estratos).

A maior crítica acadêmica encontrada, até o momento, ao conceito difundido de “nova classe média” é a de Jessé Souza, já citado acima, autor do livro *Os Batalhadores brasileiros: Nova classe média ou nova classe trabalhadora?* (2010). Falar em “nova classe média” não é adequado porque o termo vai além do poder aquisitivo, se referindo a formas comportamentais. Diz que as pessoas estão ganhando mais; alcançando um nível de consumo mais elevado. Porém, falar em classe média envolve valores no que tange a educação, conhecimento, conservadorismo político, etc. Mistura uma série de características que não é o caso desta classe emergente. Ele aponta que o que se chama de “nova classe média” é na realidade uma espécie de nova classe trabalhadora, “sem direitos” e que trabalha muitas horas por dia (cerca de 12 horas), o que a permite consumir bens duráveis e serviços com um grande esforço. Ou seja, tratar-se-ia de uma classe econômica, de uma classe consumidora.

Souza salienta que os integrantes deste estrato econômico passaram, nos últimos anos, por um processo de ascensão e inserção econômica, o que os diferencia da população mais pobre e ignorada no país. Sua extensa pesquisa empírica, realizada em vários estados do país, aponta que essa ascensão ocorreu fortemente devido a uma “ética do trabalho duro”

destas pessoas. Outrora elas faziam parte da população mais pobre, daquilo que se denominaria “classe D”, ou ao estrato que o autor chama, provocativamente em um livro anterior, de “ralé brasileira estrutural”. Porém, emergiram devido ao esforço pessoal, à dedicação ao trabalho e ao estudo, muitas vezes simultâneos. Afirma que essa classe

conseguiu, por intermédio de uma conjunção de fatores, internalizar e incorporar disposições de crer e agir que lhe garantiram um novo lugar na dimensão produtiva do novo capitalismo financeiro [...]. Nossa pesquisa mostrou que essa classe conseguiu seu lugar ao sol à custa de extraordinário esforço: à sua capacidade de resistir ao cansaço de vários empregos e turnos de trabalho, à dupla jornada na escola e no trabalho, à extraordinária capacidade de poupança e de resistência ao consumo imediato. (SOUZA, 2010, p.47)

Nesta pesquisa, o autor argumenta que essas mudanças foram obtidas graças a algo que ele denomina “capital familiar”. O que fica evidente no caso desta classe é a transmissão de valores do trabalho duro e continuado, mesmo em condições sociais adversas. Embora o capital econômico e cultural seja reduzido, “a maior parte dos batalhadores entrevistados, por outro lado, possuem família estruturada, com a incorporação dos papéis familiares tradicionais de pais e filhos bem desenvolvidos e atualizados.” (SOUZA: 2010) Desta forma, a família estruturada é a base que dará sustentação para conquistas futuras de melhores condições de vida e distinção social.

Embora não concorde com a visão economicista acerca desse novo fenômeno brasileiro, Souza alega que houve fatores econômicos para o surgimento da “nova classe média”. Além da estabilização monetária (já citada no início deste trabalho), o domínio do capitalismo financeiro sobre o modo de produção teve uma grande parcela nesse processo. No caso brasileiro, a grande e tradicional produção industrial fordista (a produção de massa, que implicava em consumo de massa), preponderante até a década de 80, perdeu muita força, cedendo espaços importantes para um novo tipo de demanda que exige pequena produção e maior conformidade com os desejos do consumidor. Entre os fatores econômicos que originaram a queda da produção industrial, está a crise do petróleo em 1973, que aumentou muito o preço das matérias-primas, tão necessárias à indústria. Consequentemente, isso diminuiu bastante a produtividade e a margem de lucro das indústrias, juntamente com o aumento das dificuldades fiscais para a manutenção das garantias sociais dos trabalhadores. Ainda segundo Souza (2010): “A relação entre oferta e demanda muda de modo importante, já que novos produtos e novos mercados têm que ser conquistados e mantidos pela constante

inovação nos produtos”. Essa pequena produção flexível, essa reorganização do mundo do trabalho moderno, é ocupada por esta nova classe trabalhadora que, em sua maioria, outrora estava nas linhas de produção industrial e agora passou a enxergar novas oportunidades e possibilidades de inserção no mercado de trabalho.

Porém, falando em escala mundial, para Souza (2010), houve também causas políticas e culturais, que podem ter pesado mais que as causas econômicas. Ou melhor, dito de outra forma; essas causas políticas e culturais embasaram as econômicas. Desde os movimentos de maio de 1968, as críticas às hierarquias, à vigilância aos trabalhadores nas fábricas e a crítica ao mundo convencional saíram do campo econômico e se transformaram em críticas à hierarquia política e social. Todavia, o capitalismo soube se adaptar a essa mudança no imaginário e ideário social, remontando à ideia de Boltanski e Chiapello, na qual o capitalismo sempre justifica sua importância, atribuindo assim, legitimidade a si mesmo. A partir da década de oitenta, o capitalismo reorganiza-se, baseando-se na transformação do processo de acumulação de capital. Para justificar essa mudança, o capitalismo utilizou-se do que o autor chama de “expressivismo” no mundo do trabalho e da liberdade individual que tinha sido propagada no imaginário social a partir dos movimentos contraculturais da década de sessenta. Ainda:

... o capitalismo só sobrevive se ‘engolir’ seu inimigo e transformá-lo nos seus próprios termos [...]. O maior desafio da reestruturação do capitalismo financeiro e flexível foi, como não podia deixar de ser, uma completa redefinição das relações entre o capital e o trabalho. (SOUZA, 2010, p. )

Para o autor, uma ocupação que exemplifica essas mudanças na esfera do trabalho, predominantemente caracterizada pela formalidade precária e composta em grande parte por integrantes da “nova classe média”, principalmente jovens, é a de operador de telemarketing. Os milhares de call centers espalhados pelo país são o local de trabalho desses operadores. Segundo dados que ele nos traz, no Brasil os call centers concentram uma média de 1.103 trabalhadores em cada empresa. Esse número é devido ao crescimento do terceiro setor, isto é, do setor de serviços no Brasil, a partir dos anos 90 e a uma crescente terceirização dos serviços. Essa ocupação de operador de telemarketing reside, segundo Souza:

No surgimento de empregos afinados com os parâmetros do novo espírito do capitalismo, no qual o empregado está, cada vez mais, estrangido a regimes mais ‘flexíveis’ de trabalho, cuja consequência é a produção de uma constante insegurança no mercado de trabalho, bem como a construção social

de uma condição de precariedade, gerando baixos salários, condições de trabalho piores, subcontratações, etc. (SOUZA, 2010, p. 61-62)

Com base nessa perspectiva, parece evidente o processo de precarização que está ocorrendo. E o mais interessante é que isso está acontecendo no trabalho formal. Isto é, no trabalho formal, que exige um estudo mínimo (geralmente a conclusão do ensino médio), há essa precarização das condições do trabalho. Ela se dá no sentido de que a segurança social nestes postos de trabalho é mínima ou inexistente, devido a salários baixos e condições ruins de trabalho.

Como a exigência educacional para esse cargo é possuir o ensino médio, isso remete a uma força de trabalho geralmente minimamente qualificada. Somado a isto, o maior acesso ao ensino médio levou a um inflacionamento dos diplomas. De acordo com Souza:

Entretanto, possuir uma qualificação não é garantia de integração estável no mercado de trabalho, na medida em que os trabalhadores com níveis mais baixos de qualificação são relegados às posições e empregos de instabilidade no mercado de trabalho. Desse modo, uma sociedade mais diplomada não implica necessariamente uma sociedade incluída consistentemente no mercado de trabalho. (SOUZA, 2010, p. 62)

Esse segmento da população tem pouco volume de capital cultural e social, bem menor do que a classe média tradicional. As classes dominantes (média e alta) são caracterizadas pelo acesso privilegiado a este tipo de capital. Este, por sua vez, assegura o acesso aos bens e recursos, tanto materiais quanto simbólicos, que são escassos para o restante da sociedade, a saber: reconhecimento social, respeito, prestígio, bons carros e casas, viagens, roupas de grife, amizades influentes, etc. Dentro desta visão, o que se chama de “nova classe média” não seria uma classe média propriamente dita (ou como conhecíamos antes o conceito de classe média), por não possuir este acesso diferenciado e por não compartilhar desses valores e privilégios sociais.

Souza aponta que esta classe não possui geralmente, a mesma quantidade de anos de estudo da classe média tradicional. Isso ocorre porque os “batalhadores”, como o autor os denomina, não têm condições financeiras de esperar terminar uma faculdade, por exemplo, para depois entrarem no mercado de trabalho. A necessidade econômica os chama para o trabalho, desde cedo. E o estudo, por sua vez, é encarado de forma pragmática, sempre visando, por exemplo, até onde tal curso pode levar, em termos de conquista econômica. Assim, a vocação e as preferências pessoais por determinadas áreas do conhecimento, que são

importantes quando se escolhe um curso (seja ele superior ou técnico), e que exercem influência para integrantes das classes média e alta, aqui no caso da “nova classe média”, na grande maioria dos casos, estas preferências pessoais têm pouquíssima influência na hora da escolha do curso.

## **6 Disposições da “nova classe média” para com a educação dos filhos.**

### **6.1 Perfil socioeconômico, investimentos e crença na educação.**

A recepção de todas as pessoas, no processo de entrevistas, foi muito boa. O interessante a notar é que, quando eu me apresentava, explicando que estava fazendo meu trabalho de conclusão e que me formaria em julho, as pessoas se dispunham mais ainda, para me receber e responder as perguntas. No final, diziam que esperavam ter me ajudado e desejavam boa sorte e sucesso no trabalho.

A origem familiar e socioeconômica da grande maioria é do interior do estado e já há algum tempo estão vivendo em Porto Alegre. Aqui já temos uma indicação de mobilidade regional. Muitos declararam que tiveram pais semi-analfabetos, ou com poucos anos completos do ensino fundamental. Na época dos entrevistados mais velhos (aqueles acima de quarenta anos de idade), segundo seus próprios relatos, não havia estímulos nem condições materiais para prolongar os estudos, devido à necessidade que eles tinham de trabalhar, ainda na adolescência.

A grande maioria entende que hoje em dia as condições para estudar estão muito melhores, pois existem mais escolas e as mesmas fornecem mais recursos, como merenda e alguns materiais escolares; e que o governo também estimula mais o estudo, fornecendo bolsas e descontos. Como foi numa fala de um dos entrevistados: “*hoje em dia, só não estuda quem não quer*”. Abaixo, seguem os quadros que mostram os perfis socioeconômicos encontrados:

**Quadro 1: Perfil social dos entrevistados**

<b>Informante</b>	<b>Idade</b>	<b>Origem familiar</b>	<b>Trajétoria profissional</b>	<b>Ocupação atual</b>	<b>Ocupação de outro responsável</b>
Adriana	41	Porto Alegre, pais com EF incompleto.	Babá; Estágio na Prefeitura.	Técnica em enfermagem.	Mãe: aposentada.
Cíntia	33	Do interior do estado.	Recreacionista; operadora de telemarketing, babá.	Estagiária de Serviço Social.	Marido: auxiliar de produção
Rosa	47	Rural, pais analfabetos.	Bóia-fria, frentista.	Arrendatária e atividade agrícola (possui sítio no Paraná).	Não possui.
Rosana	29	Pais com ensino médio.	Estagiária	Dona de casa e arrendatária.	Marido: serralheiro
Simone	31	Pais com ens. fund. incompleto	Recreacionista; telefonista; diarista.	Proprietária de lancheria.	Tio: aposentado
Jaqueline	43	Interior do estado, pais com ens. fund. incompleto.	Costureira; “sacoleira”	Proprietária de loja de vestuário.	Marido: motorista de ônibus
Neusa	56	Pais com ens. fund. incompleto	Empregada doméstica	Dona de casa.	Marido: motorista de ônibus
Joyce	32	Interior do estado, pais com ens. fund. incompleto.	Confeiteira	Confeiteira (informal).	Marido: cobrador de ônibus
Loraine	47	Porto Alegre.	Servente na construção civil, babá, serviços gerais, cozinheira.	Cobradora de ônibus.	Marido: aposentado
Rejane	46	Interior do estado.	Operadora de caixa em supermercado, recreacionista, promotora de vendas, comércio próprio.	Educadora em escola infantil.	Marido: caminhoneiro.
Katiuscia	29	Mãe com ensino médio, de Porto Alegre.	Vendedora, estagiária, operadora de caixa, atendente.	Operadora de telemarketing.	Marido: garçom em dois restaurantes.
Mara	53	Interior do estado.	Atendente em padaria, vendedora, autônoma.	Vendedora.	Não possui.

**Quadro 2: Perfil econômico dos entrevistados**

<b>Informante</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Renda familiar</b>	<b>Padrões de consumo</b>	<b>Moradia</b>
Adriana	Ensino Técnico	R\$ 3.600,00	Frequenta shoppings, compra nas lojas do shopping.	Financiando a casa própria pela CAIXA
Cíntia	Cursando faculdade de Serviço Social	R\$ 1.500,00	Cinema no shopping, lojas do centro da cidade, Renner, C&A, Marisa	Própria
Rosa	Superior incompleto em Serviço Social.	R\$ 2.500,00	Roupas, em lojas comuns, como a Pompéia. Shoppings (lojas e praça de alimentação); eletrodomésticos no BIG.	Própria
Rosana	Superior incompleto em Direito	R\$ 2.200,00	Vai pelo preço mais baixo. Compra nas lojas do centro.	Própria
Simone	Ensino médio	R\$ 2.000,00	Lojas do centro: Aldo, SulCenter	Própria
Jaqueline	Ensino fundamental	R\$ 3.000,00	Renner, C&A, Gaston, Lojas Lebes.	Própria
Neusa	EF incompleto	R\$ 2.300,00	Renner. Pompéia, compra eletrodomésticos no BIG	Própria
Joyce	EM incompleto	R\$ 3.600,00	Frequenta shoppings. Renner, Hering, C&A.	Própria
Loraine	EM completo	R\$ 2.900,00	Lojas Lebes, Marisa, C&A,	Própria
Rejane	EM completo	R\$ 1.800,00	Frequenta shoppings: C&A, Renner, Ponto Frio, Manlec, Magazine Luiza.	Própria
Katiuscia	EM completo	R\$ 2.000,00	Frequenta shoppings: Ponto Frio, Colombo. Roupas e calçados nas lojas do centro da cidade.	Própria
Mara	EF completo	R\$ 1.600,00	Não frequenta shoppings. Compra eletrodomésticos no BIG. Roupas na Renner, C&A e lojas do centro da cidade.	Própria

A minoria dos entrevistados possui ensino técnico ou superior incompleto. O restante se divide entre ensino fundamental e médio (completos ou incompletos). Com exceção de duas pessoas, os demais entrevistados relataram atribuir muito valor à educação, como forma

de obter uma vida mais segura financeiramente. Muitos usaram o jargão: “*porque o conhecimento é algo que ninguém tira da pessoa*”. A média anual de gastos com material escolar resultou cerca de quinhentos reais.

Quanto à moradia, todos os entrevistados possuem casa própria, o que chamou bastante a atenção. Sobre os padrões de consumo: menos da metade dos pesquisados afirmou fazer compras nas lojas dos shoppings. Os outros alegaram que as mesmas são muito caras, e compram roupas e calçados em lugares mais baratos, como as lojas do centro da cidade. Somente três pessoas disseram ir, de vez em quando, ao cinema. Porém, os que não frequentam cinemas e possuem filhos já adolescentes, afirmaram que os filhos vão sozinhos.

**Quadro 3: Perfil dos entrevistados acerca das disposições (atitudes) para com a educação dos filhos**

Nome	Nº de filhos	Idade dos filhos	Tipo de escola	Gasto com material escolar (anual)	Compra livros para os filhos? Quantos por ano?
Adriana	1	8 anos	Particular (bolsista)	R\$ 800,00	Sim. Compra os livros didáticos.
Cíntia	1	12 anos	Pública estadual	R\$ 120,00	Sim. Cerca de um livro por ano.
Rosa	2	8 e 14 anos	Pública estadual	Não soube calcular.	Sim, mas não soube dizer quantos por ano.
Rosana	3	15, 17 e 2 anos	Pública	R\$ 500,00	Sim. Poucos livros.
Simone	1	9 anos	Pública municipal	R\$ 500,00	Não. A escola dá os livros didáticos.
Jaqueline	3	17, 16 e 6 anos	Públicas: uma estadual e a outra municipal	R\$ 500,00	Não. A escola dá os livros didáticos
Neusa	2	17 e 24 anos	Pública estadual	R\$ 250,00	Não. A escola dá os livros didáticos
Joyce	2	8 e 14 anos	Pública estadual	R\$ 500,00	Sim. Cerca de 9 livros por ano.
Lorraine	2	16 e 23 anos	Pública estadual	R\$ 1.500,00	Sim. Aproximadamente 6 livros por ano.
Rejane	3	15, 15 e 22 anos	Pública estadual	R\$ 820,00	Não. A escola dá os livros didáticos
Katiuscia	4	15, 12, 9 e 2 anos.	Pública estadual	R\$ 450,00	Não. A escola dá os livros didáticos
Mara	2	15 e 17 anos.	Pública estadual e curso pré-vestibular.	R\$ 400,00	Sim. Cerca de 6 livros.

Apenas uma pessoa tem filho estudando em escola particular, desde o ano passado (sendo que ele é bolsista integral). Os demais estudam em escolas públicas, sejam elas municipais ou estaduais. O interessante a notar aqui é que a mãe dessa criança bolsista, quando da inscrição para a bolsa, declarou a renda da irmã que, na sua carteira de trabalho, é bem mais baixa. Aliás, a tia da criança que compareceu à escola, alegando que o sobrinho morava com ela.

Este fato surge como uma estratégia da mãe, em conseguir proporcionar um ensino para o filho em uma escola privada, porém sem ter que gastar com a educação dele. Deste modo, ela pode controlar melhor o orçamento doméstico e investir mais em material escolar para o filho, pois além do material, precisa comprar todas as apostilas e o uniforme escolar, que é composto por camisas, bermuda, calça e casaco da escola. Dos entrevistados, ela se encontra em segundo lugar no que concerne aos gastos anuais com material escolar (cerca de oitocentos reais). No momento, ela está financiando a casa própria, pela Caixa Econômica Federal e está tendo gastos maiores com esse financiamento. Talvez esse gasto justifique tal estratégia adotada para manter o filho em uma escola particular, somado ao fato de que ela não recebe ajuda financeira do pai da criança.

A maioria dos entrevistados relatou que encara a educação como um caminho para se garantir rendimentos maiores, assim como afirmaram o seu desejo em ver os filhos se profissionalizando e cursando faculdades. A grande maioria das mães entrevistadas relatou que insiste e incentiva os filhos a continuarem estudando. Pode-se apreender assim que, embora não consigam contribuir de forma expressiva (financeiramente) com a educação deles, essas mães vivem “falando” para eles estudarem. Contudo, muitas vezes assustam os filhos, como é o caso de Cíntia. Ela diz fazer “*um bicho papão*” para o filho de doze anos, dizendo que se ele não estudar, pode se preparar, “*pois vai sofrer muito na vida*”.

Quando perguntadas sobre se notaram alguma melhora econômica mais substancial nos últimos três ou quatro anos; mais da metade disseram notar aumento significativo em seus rendimentos e conquistas materiais mais sólidas. Algumas disseram ter notado uma grande evolução, em termos de aquisições e aumento da renda familiar. Houve declarações interessantes, como: “*subi uns dez degraus*”, “*a situação melhorou muito nos últimos anos, não dá nem para comparar*”, “*melhorou bastante, hoje a gente tem acesso a mais coisas, consegue ter um planejamento maior*”.

**Quadro 4: Depoimento dos entrevistados acerca da educação**

Nome	Você sente que sua família precisa abrir mão de gastos em outra área, por causa dos gastos que tem com a educação de seu filho?	Nos últimos três ou quatro anos, você notou algum avanço econômico significativo na sua família?	Se sim, após esse avanço, sua percepção sobre a educação se modificou? De que forma?	Como você pretende incentivar seus filhos a pensar o futuro? Acredita que a educação é um caminho para assegurar um futuro mais tranquilo, economicamente falando?	Percebe nos seus filhos interesse pelo estudo?
Adriana	Sente. Muitas vezes, deixa de comprar algo, para gastar com a educação, e com o plano de saúde do filho.	Sim, notou muita melhoria. Agora, tem acesso a mais coisas e consegue se planejar e controlar mais o orçamento.	Sua percepção não se modificou, pois sempre deu muito valor a educação.	Não quer que o filho seja "mais um na multidão". Incentiva muito o estudo, porém não tem muita paciência na hora de ajudá-lo com as tarefas para casa. Tem muito medo que o filho seja mal influenciado e vá para o lado das drogas, porque tem alguns parentes que tomaram esse caminho. Deseja que a trajetória escolar dele seja bem melhor do que foi a trajetória dela. Porém, tem seus receios quanto à educação garantir um posicionamento social melhor no futuro pois, às vezes, apenas uma faculdade não garante tranquilidade, nesse sentido. Atribui o sucesso profissional à "sorte", em certa medida.	Sim, porém antes (até o ano passado) era mais interessado.
Cíntia	Sente, pois às vezes tem que abrir mão de alguma coisa, pra comprar algo para o filho (principalmente, roupas das marcas que ele gosta, para ir à escola).	Não.		Diz para o filho seguir o exemplo dela. Diz todos os dias, de forma clara ou indireta, que quer que ele estude bastante, "para ser alguém na vida." Mostra os trabalhos e as notas da faculdade para o filho. Faz um "bicho papão" para o filho, com relação a esse assunto, pois diz que se ele não estudar, ainda "vai sofrer muito na vida". Mas diz que prefere fazer assim, a falar pouco sobre o assunto. Prefere "fazer pra mais" do que "fazer pra menos".	Sim, é interessado em algumas matérias, mas em outras não. Era mais interessado quando era menor. De um tempo pra cá, precisa ser mais cobrado.
Rosa	Não acha que o	Sim.	Não se	Orienta que eles sigam uma	O adolescente

	orçamento fica mais apertado com os gastos educativos.	Melhorou um pouco a partir do ano passado.	modificou, pois sempre incentivou e proporcionou o estudo aos filhos.	carreira profissional. Mas quer que os filhos escolham um curso do gosto deles. Quer dar para os filhos, tudo o que não teve, em termos de educação. Está guardando dinheiro para a futura faculdade dos filhos.	anda meio rebelde, mas ainda é um bom aluno, nunca rodou nem ficou em recuperação. O menor é bem distraído, está tendo aulas de reforço e precisa se esforçar mais.
Rosana	Não aperta o orçamento, porque quase não tem gastos com educação.	Não, “muito pelo contrário”.		Faz o “feijão com arroz” que todo mundo faz, mas no futuro pretende incentivar mais a filha, que hoje tem dois anos. A escolaridade é uma tentativa de assegurar um emprego, mas hoje em dia, não é uma garantia disso, pois há muitas pessoas com diploma, ou seja, recém-formados, que recebem pouco, ou que às vezes vão trabalhar em áreas fora de seu curso.	O mais velho não apresenta muito interesse e não sabe qual faculdade quer fazer. O mais novo já tem mais planos, faz estágio e é mais interessado.
Simone	Sente que pesa, porque agora está pagando psicólogo e médico para o filho. Então, os gastos estão deixando o orçamento mais apertado.	Não.		Sempre conversa sobre a questão das drogas. Diz para o filho não se envolver com isso, porque é errado, etc. Mas a família toda ajuda nessa questão da educação dele.	Vê um pouco de desinteresse, por parte do filho.
Jaqueline	Sim. Mas os gastos que tem com educação são fundamentais, visto que disse gastar o básico. Aperta o orçamento em outras áreas, mas nunca no dinheiro que vai para os gastos com educação.	Sim. Com a abertura da loja, sua família consegue passear e sair mais (ter mais lazer).	Não se modificou.	Incentiva que eles sempre estudem. Acha que uma escolaridade maior é útil para se ter um rendimento mais alto e para fazer uma diferença na sociedade. Queria que seus pais a tivessem incentivado a estudar, pois, com certeza, teria feito uma faculdade.	Sim, a filha e o filho caçula são muito interessados, quase nunca faltam a aula. Já o filho adolescente, não demonstra interesse. “Se pudesse, nem estudava.”
Neusa	Não sente que orçamento fica mais apertado, devido aos gastos com a educação	Não.		Quer que o filho faça uma faculdade, porque sem educação, “não somos nada”.	O filho é interessado nos estudos, por enquanto, e quer fazer

	do filho.				faculdade de Educação Física.
Joyce	Não sente o orçamento mais apertado.	Sim. Reconstruiu a casa com uma indenização trabalhista que o marido ganhou e possuem outra casa para alugar, o que fez com que pudessem comprar mais bens duráveis.	Não se modificou.	Está sempre conversando com o filho de 14 anos sobre a importância de ele estudar, sobre a importância de ele escolher se vai fazer um curso técnico ou uma faculdade. Mas sabe que não adianta ela obrigar, porque ele tem que se decidir pelo que gosta de fazer. Se dependesse da sua vontade, gostaria que ambos fizessem um curso superior. Acha que o mais novo se daria bem em um curso de engenharia, porque tem muita facilidade com números.	Sim. O mais velho é interessado desde muito cedo, pois aprendeu a ler em casa, com cinco anos de idade e, posteriormente, sempre teve desempenho ótimo na escola, sendo elogiado pelos professores. O mais novo é mais “temperamental”, se não está com vontade de fazer uma coisa, não faz. Aprendeu a ler mais tarde.
Loraine	Geralmente, precisa economizar em outra área, principalmente por causa dos gastos com as passagens de ônibus da filha.	Sim. As condições de vida agora estão melhores.	Sim, pois agora sente que pode gastar mais com a educação da filha.	Diz para a filha que ela precisa se profissionalizar, e acima de tudo, ser ética, ter uma boa conduta. Mas ela não tem preferência por profissão, visto que a filha vai escolher qual curso quer fazer. Muitas vezes, a escolaridade não proporciona segurança financeira, porque há muitas pessoas (que trabalham na empresa de ônibus, onde é cobradora) formadas em nível superior, mas que não conseguem trabalhar na área, assumindo assim, empregos de nível médio.	Ano passado, quase rodou por faltas, apresentando grande desinteresse, devido à troca de colégio. Este ano, está mais interessada e entusiasmada.
Rejane	Sente que o orçamento fica um pouco apertado.	Sim, melhorou muito. Construiu uma casa nova em seu terreno e	Não se modificou.	Sempre diz para os filhos que eles têm que estudar. Procura priorizar, incentivar e oportunizar o estudo dos filhos. Está feliz, pois agora pode pagar um curso (com desconto) de webdesign e	São interessados, têm consciência da importância de estudar,

		aumentou a renda familiar, pois voltou a trabalhar.		inglês para os filhos. Diz ter plena certeza da importância da educação, no sentido econômico e no pessoal, para o futuro de uma pessoa.	apesar de às vezes não sentirem vontade, ficarem cansados.
Katiuscia	Não sente o orçamento mais apertado, visto que só pode gastar com o básico.	Sim, melhorou bastante, em termos de renda.	Não se modificou.	Orienta quanto à questão do uso de drogas, porque isso é uma coisa que não admite. E quanto à educação, conversa muito com os filhos, pra que eles dêem valor aos estudos. Ficou muito decepcionada quando seus filhos rodaram de ano, por mais de uma vez.	Dos três filhos que estão em idade escolar, dois apresentam algum interesse, mas o mais velho não tem interesse algum em estudar, pois “só quer saber de brincadeira”.
Mara	Percebe que o orçamento doméstico fica mais apertado.	Não.		Diz para as filhas terem sua independência financeira, através do estudo. Acha que a educação ajuda muito a proporcionar uma condição melhor e mais estável, pois o conhecimento que se tem, “ninguém pode tirar”.	As duas filhas são bastante interessadas em aprender, estão sempre interessadas em fazer cursos, etc.

Alguns estavam com as suas casas recém-reformadas e com eletrodomésticos novos, como geladeiras novas e TV's de LCD. Isso pode ser um indicativo de que a maioria dos pesquisados está direcionando ganhos e estratégias para a compra e reforma de suas moradias e consumo maior de bens duráveis, e não para assegurarem um desenvolvimento maior de capital cultural em seus filhos.

Todos os entrevistados, quando perguntados acerca das preferências de curso para os filhos cursarem depois do ensino médio, disseram que não têm preferência. Segundo os pais, os filhos é que devem escolher em qual área seguirão. O importante é que façam algo que gostem e cursem uma faculdade (a maioria declarou preferir que eles façam um curso superior, em detrimento de um curso técnico). Posteriormente, na questão: “após essa melhora, sua percepção sobre a educação mudou?”, apenas uma pessoa respondeu que sim, que sua percepção havia mudado para melhor. Os restantes afirmaram que sua visão sobre a educação e a importância conferida a ela continuava igual, pois sempre atribuíram o mesmo valor para a instrução.

A grande “discrepância” encontrada na maioria dos pesquisados reside no fato de que investem de forma relativamente baixa na educação de seus filhos, porém afirmam que valorizam muito a mesma. Esse investimento não precisa ser necessariamente financeiro, mas ele ocorre em termos de estímulos que os pais podem proporcionar, como: leituras junto aos filhos, ajuda nas tarefas escolares, cobrança no rendimento deles na medida certa, etc.

Temos como exemplo o caso de Joyce, que declarou não ter muitos gastos com a educação de seus filhos, mas afirmou comprar uma quantidade maior de livros para os mesmos, quando comparada com o restante dos entrevistados. Também disse que sempre os ajuda com as tarefas para casa e conversa com os professores. Relatou, com emoção visível, as conquistas dos filhos na escola, principalmente do mais velho, que por várias vezes foi “o melhor da turma”. Além disso, alfabetizou tal filho em casa aos cinco anos de idade, antes de ele chegar ao primeiro ano. Apenas uma pessoa pesquisada, a Rosa, que se apresenta como a exceção à regra, está empreendendo esforços financeiros maiores, guardando dinheiro para a futura faculdade dos filhos. Ela também paga reforço escolar e fonoaudióloga, para o filho mais novo.

## 6.2 Dois perfis sobre o valor da educação para a “nova classe média”

Na análise empírica perceberam-se diferentes valores atribuídos à educação entre as famílias entrevistadas que representam a “nova classe média”. Por um lado, sugerimos classificar como “investidores” aqueles que têm crença na educação e julgam importante investir na educação dos filhos, ao ponto de inclusive apertar o orçamento em outras coisas para contribuir na formação escolar.

Por outro lado, sugerimos classificar como “descrentes” aqueles não apresentam um julgamento de que a educação pode melhorar as chances e oportunidades de vida. Novamente, quando me refiro ao investimento na educação, o mesmo não precisa ser estritamente financeiro. Ele pode dar-se em termos de disposições, intenções, apoio, estímulos, dispêndio de tempo e identificação dos pais com a vida escolar do filho, remetendo à ideia de Lahire (1995).

O grupo identificado como “investidores” caracterizou-se justamente por estimular a educação e por não considerar os gastos com educação como “um fardo” em seus orçamentos domésticos, o que acontece no outro grupo. Essa postura ocorre porque parecem adquirir uma crença legítima na educação, aproximando-se assim de valores da classe média tradicional.

O grupo identificado como “investidores” caracterizou-se justamente por estimular a educação e por não considerar os gastos com educação como “um fardo” em seus orçamentos domésticos, o que acontece no outro grupo. Essa postura ocorre porque parecem adquirir uma crença legítima na educação, aproximando-se assim de valores da classe média tradicional.

O segundo grupo, o dos “descrentes” no valor da educação, distingue-se por pais que declararam não gostar de ler, afirmando abertamente não discernir a educação como um caminho para assegurar maiores rendimentos no futuro e uma vida econômica mais estável. As pessoas que responderam não acreditar na educação justificaram sua resposta baseadas nos exemplos de suas próprias trajetórias, ou nos exemplos cotidianos, seja de conhecidos, amigos ou colegas de trabalho, como ocorre no caso de Rosana e Loraine.

No caso de Rosana, vemos claramente que ela é “desiludida” com o ensino superior, pois não terminou a faculdade de Direito e disse que nunca gostou de ler, pois “só lia os livros obrigatórios, tanto da escola, quanto da faculdade”. Disse que seus pais cobravam muito dela, mas isso não pareceu dar resultado. Loraine, por sua vez, afirma sua opinião baseada em suas experiências imediatas e nas vivências de seus colegas de trabalho mais próximos. Ela trabalha em uma empresa de ônibus de Porto Alegre, e disse que conhece vários colegas

recém-formados em cursos superiores como Administração, por exemplo, mas que não conseguiram emprego na área. Por isso, continuam trabalhando na referida empresa, de motoristas ou cobradores, pois segundo ela, “fazer o quê, a pessoa tem que trabalhar, né?”.

A forma com que responderam a perguntas como “você sente que sua família precisa abrir mão de gastos em outra área, por causa dos gastos que tem com a educação de seu filho?” demonstra que esse grupo sente nos gastos com a educação dos filhos “um peso”, ou um dispêndio que eles não gostariam de ter, pois aparentaram direcionar seus gastos para a moradia e o consumo.

**Quadro 5: Perfis sobre o valor da educação para a “nova classe média”**

	<b>Aspecto financeiro e material</b>	<b>Crença na educação</b>	<b>Como incentiva os filhos para estudarem</b>	<b>Perfil</b>	<b>Representantes dos tipos</b>
<b>Descrentes</b>	A maioria gasta com o básico e não têm o costume de comprar livros para os filhos. Não se caracteriza investimento na educação. Orçamento é planejado com base no consumo e casa própria.	Não depositam esperanças no aumento da escolaridade, como viabilizadora de uma vida econômica mais estável.	Muitas vezes, cobrando demasiadamente para que os filhos estudem e passem de ano. Porém, não demonstram familiaridade com a leitura, nem com a vida e a rotina escolares dos mesmos.	Entrevistados mais jovens e com renda levemente mais baixa.	Cíntia, Rosana, Simone, Loraine, Kátiuscia.
<b>Investidores</b>	Alguns dizem apertar o orçamento, mas julgam os gastos com educação importantes para o futuro. Costumam comprar mais livros para os filhos.	Acreditam na educação como algo que fica para sempre com a pessoa, "algo que ninguém pode tirar", e necessária para fazer alguma diferença na sociedade, "para ser alguém".	Ajudam os filhos nas tarefas escolares. Interam-se com os professores, acerca do desempenho deles na escola e preocupam-se com a aprendizagem. Percebem os interesses escolares dos filhos (em quais áreas eles se dariam bem, em quais têm facilidade, etc.).	Entrevistados, em sua maioria, mais maduros e com renda levemente mais alta.	Adriana, Rosa, Jaqueline, Neusa, Joyce, Rejane, Mara.

Isso pode ser exemplificado no caso da entrevistada Cíntia, que está pagando aula particular para o filho uma vez por semana (devido ao fato de ele ter sido reprovado no ano passado). Quando perguntada se “você acha que vale a pena esse investimento em educação?”, sua resposta foi interessante. Ela declarou:

*eu confesso que às vezes eu questiono um pouco, no sentido de que às vezes tu paga, mas tu paga querendo retorno [...] então existe essa contradição, pois tem aquela cobrança em cima dele, pois eu to pagando e não tá adiantando, porque tu tá pagando aula particular pra ele toda semana, e tu quer esse retorno. Eu acho que vale a pena, mas tem esses ‘poréns’ assim, que a gente paga, vale a pena, mas no fundo a gente quer o retorno. Se ele passar, vai valer toda a pena, todo, todo o gasto. Eu pagaria tudo de novo, até o dobro. Mas se por acaso tu pagar e ele não conseguir, se torna um pouco frustrante, no sentido de que houve todo um investimento, e aí não...*

No que tange à transmissão doméstica do capital cultural; nas entrevistas com os “descrentes”, todos relataram que seus pais não lhe deram estímulos financeiros nem motivação, na época em que estudavam. Loraine disse que o pai cobrava muito, porém não colaborava no que diz respeito às condições materiais para ela estudar. Segundo suas próprias palavras: “*Ele cobrava muito, só queria que eu tirasse dez. Um nove vírgula sete não servia pra ele. Mas ele se esquecia que eu cuidava de meus irmãos menores e ainda tinha que fazer todo o serviço da casa, né.*” Ainda na adolescência, precisou começar a trabalhar, o que fez com que pausasse os estudos por alguns anos.

Desta forma, a não-identificação dos pais com as rotinas e tarefas da vida escolar do filho pesa muito, nas suas chances de sucesso ou fracasso escolar. Outro fator negativo é a cobrança extrema e a falta de exemplo da parte dos pais, no que se refere à intimidade com o mundo da leitura, remetendo à Lahire (1995), quando este fala sobre as formas familiares da cultura escrita, como um dos fatores que influenciam o desempenho escolar da criança.

Já no caso dos “investidores” encontrados na pesquisa, foram verificadas algumas características interessantes que explicam suas atitudes. Neste grupo, alguns tiveram pais que os motivaram a estudar. Na maioria destes que incentivavam, esse apoio se dava em termos não financeiros, como ajuda nas tarefas escolares e incentivo à leitura. A informante Joyce relatou que principalmente seu pai a incentivou nos estudos. Este era autodidata, pois aprendeu a ler com a ajuda de parentes, sem nunca ter ido à escola. Também informou que lembra que o pai adorava ler e era “viciado” em palavras cruzadas. Um dos “investidores” teve pais que o colocaram em escola particular. Isso remete a uma valoração da educação que foi sendo transmitida de pai para filho, dentro desse grupo.

Contudo, houve “investidores” que declararam não ter recebido apoio, por parte de seus pais. Eles disseram que, mesmo assim, gostavam muito de frequentar a escola e de estudar e liam vários tipos de livros (de romance, história, gibis e também os livros didáticos). Jaqueline, que faz parte desse grupo, disse que em sua casa só havia os livros didáticos, mas sempre pegava outros livros, da biblioteca da escola. Todos os que não receberam apoio dos pais, contaram que ainda hoje gostam de ler, livros diversos e jornais. A entrevistada Neuza disse que adora ler, que “devora” os livros. Rosa, que possui origem rural e pais semi-analfabetos e que também está neste grupo, contou que “era a melhor da sala”. Cursou seis semestres de Serviço Social (precisou trancar a matrícula, mas tem planos de voltar) e disse que mostra, orgulhosa, suas notas altas para os filhos. O prazer pela leitura parece exercer papel essencial, nas trajetórias escolares destes pesquisados. E isso pode ocorrer mesmo naqueles que não tiveram incentivo dos pais. Aqui, a julgar por suas respostas, o papel da escola e, quem sabe, de algum professor ou outro parente em especial em incentivar a leitura, pode ter sido fundamental.

Outro aspecto interessante a notar nos “investidores” é a sua percepção sobre o interesse dos filhos. Isto é, aqueles classificados nesse grupo percebem em quais áreas os filhos têm mais facilidade. Também vislumbram em quais profissões eles se sairiam bem, tendo em vista tais facilidades escolares. A informante Joyce acredita que o filho mais velho, que está no ensino médio, sairia-se bem se cursasse alguma engenharia, pois tem muita facilidade com a matemática, com as ciências exatas em geral e com desenho.

## 7. Considerações finais

A presente análise apontou que, hoje em dia, estas famílias pesquisadas alcançaram patamares econômicos melhores, conquistaram sua casa própria, possuem trabalho relativamente regular e constituíram suas famílias.

O trabalho e o emprego formal apareceram como os fatores mais importantes para possibilitar essas conquistas. Com salários relativamente melhores que há alguns anos e com a facilidade de acesso ao crédito (tanto imobiliário, quanto ao crédito em geral), passaram a consumir mais e, segundo os relatos dos entrevistados, a ter acesso a mais opções de lazer e à indústria do entretenimento (frequência a cinemas e teatro, por exemplo). Também conseguem adquirir bens duráveis mais modernos e em maior quantidade.

Todavia, estas conquistas materiais não garantem uma incorporação dos valores da classe média tradicional, na maioria dos pesquisados. Então, ao se referir a “nova classe média” devemos ter presente a ideia de que é um grupo social essencialmente distinto em seus valores e disposições quando comparado à classe média tradicional, especialmente no que se refere à crença na educação. Valores estes como a crença absoluta no estudo como garantidor de sucesso profissional em um futuro mais ou menos próximo, ou ainda, o alto investimento em escolaridade e especializações, o planejamento minucioso do próprio futuro (isto é, sem ter a preocupação constante em garantir o sustento presente) e a liberdade de escolher como trilhar o futuro.

Essa relativa ascensão social (baseando-se nas respostas dos entrevistados) não mudou sua percepção e valoração da questão educacional. Assim, respondendo ao problema de pesquisa, não foi encontrada uma mudança no valor atribuído a educação, nem nas formas de investimento na mesma.

Desta forma, a análise empírica foi, de forma parcial, ao encontro da hipótese de trabalho. Em algumas famílias, a hipótese foi comprovada, visto que as melhoras econômicas parecem estar levando a um maior investimento em capital cultural. Já em outras, como explicitado nos depoimentos e nos quadros acima, tal hipótese não foi constatada.

Assim, quando analisados os seus investimentos materiais na escolaridade dos filhos, percebe-se que tal investimento ainda é muito baixo, evidenciando que a maioria dessas famílias, representantes da “nova classe média” brasileira, não está preparada financeiramente para gastos maiores em educação, como pagamento de cursos extracurriculares, reforços ou escolas particulares. Essa constatação vai de encontro à teoria de Bourdieu explicitada no

início do presente trabalho, onde diz que as classes populares, ou classes trabalhadoras, tendem a investir pouco na escolaridade de seus filhos, devido aos rendimentos e aos cálculos quanto ao sucesso escolar serem mais modestos. Os perfis socioeconômicos encontrados, juntamente com o tipo de profissões exercidas, apontam para uma nova classe trabalhadora, indo de encontro ao argumento de Souza (2010) acerca da legitimidade da “nova classe média” como uma classe propriamente “nova” e “média”.

Portanto, considerando-se as limitações empíricas deste estudo, a pesquisa demonstrou uma tendência de que parte das famílias da chamada “nova classe média” está primeiramente garantindo e melhorando a base material, isto é, as condições materiais, e em segundo plano buscando o acúmulo de capital cultural, tanto para eles mesmos, quanto para seus filhos. Porém, não se deve esquecer que, embora não sejam todos, foram encontrados alguns pesquisados que demonstraram investir na educação, apresentando assim certa crença nela, a longo prazo. Esse achado de pesquisa evidentemente precisa ser testado, em estudos futuros, com maior envergadura empírica.

## 8 Referências bibliográficas

- BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, E. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **A reprodução**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Orgs: Maria Alice Nogueira e Afrânio Cattani. Petrópolis: Vozes, 1998
- DUBET, François; BELLAT, Marie; VÉRÉTOUT, Antoine. As desigualdades escolares antes e depois da escola: organização escolar e influência dos diplomas. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 14, n° 29, jan./abr. 2012, p. 22-70.
- LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: As razões do improvável**. São Paulo: Ática, 1997.
- NERI, Marcelo (Coord.). **A nova classe média**. Rio de Janeiro: FGV/CPS, 2008.
- NERI, Marcelo (Coord.). **Crônica de uma crise anunciada: Choques externos e a nova classe média**. Rio de Janeiro: FGV/CPS, 2009.
- NERI, Marcelo (Coord.). **A nova classe média: o lado brilhante dos pobres**. Rio de Janeiro: FGV/CPS, 2009.
- NOGUEIRA, C. M. M.; NOGUEIRA, M. A sociologia de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação & Sociedade. Revista Quadrienal de Ciência da Educação**, n. 78, Abr/2002, p. 15-36.
- Pesquisa de orçamentos familiares (2008 – 2009). Despesas, rendimentos e condições de vida**. – Rio de Janeiro: IBGE, 2010.
- SAE – Secretaria de Assuntos Estratégicos**. Classe média em números. Origens e desafios da nova classe média brasileira. ([www.sae.gov.br](http://www.sae.gov.br))
- SILVA, G. B. da.. Critérios de estratificação social. **Rev. Saúde pública**, São Paulo, 15: 38-45, 1981.
- Site ecodebate: [www.ecodebate.com.br](http://www.ecodebate.com.br)
- SOUZA, Jessé. **Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- XAVIER SOBRINHO, G. “Classe C” e sua alardeada ascensão: nova? classe? média? **Indic. Econ. FEE**, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 67-80, 2011.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FIOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA**



**Roteiro de entrevista:**

- 1 – Como você se lembra da sua passagem pela escola? Até que série você estudou, e em qual escola?
  
- 2 - Houve ajuda financeira ou apoio motivacional dos seus pais? Se houve, pode me dar exemplo(s) desse apoio? Eles o auxiliavam nos trabalhos e nas tarefas para casa?
  
- 3 - Você se lembra se havia livros em sua casa? Bastante ou poucos? Que tipo de livros você costumava ler (revistas em quadrinhos, romances, religiosos, ficção, etc...)?
  
- 4 - Tinha o hábito de ler jornal?
  
- 5 - Você costumava ir ao cinema ou teatro quando era criança e/ou adolescente?
  
- 6 - Poderia me falar um pouco sobre a sua trajetória profissional até aqui (quais profissões já teve, etc...)? Há quanto tempo está no atual emprego? Considera o emprego atual melhor que os anteriores? Em que sentido é melhor ou pior?
  
- 7 - Todos os responsáveis pela família trabalham? Em quais ocupações?
  
- 8 - Você possui computador em casa, com acesso à internet? Possui TV a cabo?
  
- 9 - Possui carro (quitado, em financiamento, etc)?

10 - Você costuma viajar? Com que frequência?

11 - Você vai a shoppings? Com que frequência? Costuma comprar eletrodomésticos e roupas nas lojas dos shoppings? Poderia me dar exemplos de lojas que você costuma fazer compras?

12 - Você tem o costume de comprar livros? Quantos por ano, e que tipo de livros (romance, ficção, religioso, auto-ajuda...)?

13 – Seus filhos estudam em escola particular, ou pública? Qual escola? Quanto gasta por ano, aproximadamente, com material escolar? Que tipo de material compra para seu filho (livros, apenas os didáticos ou outros tipos)? Você paga ou está pagando computador para seus filhos? E internet?

14 - Costuma levar seus filhos ao cinema ou ao teatro? Tem o costume de ler com eles?

15 – Como a educação de seus filhos pesa no orçamento familiar? Os gastos com a educação de seu filho deixam o orçamento mais apertado, isto é, sua família precisa abrir mão de gastos em alguma outra coisa? Você acha que estes gastos valem a pena?

16 – Nos últimos três ou quatro anos, você notou alguma melhoria econômica significativa na sua família (abertura de microempresa, aumento da renda familiar, financiamento de casa própria, compra de carro ou bens duráveis)?

**Caso a resposta seja sim:** 16.1 – Após esta melhoria econômica em sua vida, sua percepção sobre a educação mudou? Como? Poderia me dar exemplos práticos?

17 – Como você pretende incentivar os seus filhos a pensar o futuro? Acredita que a educação é um caminho para assegurar um futuro mais tranquilo, economicamente falando? Percebe nos seus filhos interesse pelo estudo?